



CONJUNTURA

Crise externa e pobreza

O lançamento da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD) do IBGE, coletada em outubro de 1998, ofereceu-nos a oportunidade de captar os primeiros impactos da recente onda de choques externos sobre a economia brasileira, no bem-estar da população. Uma vantagem do conceito usado, de renda domiciliar *per capita* (soma da renda de todas as fontes do conjunto de membros do domicílio, dividida pelo número de membros), é que incorpora os efeitos dos dois elementos centrais do debate atual sobre o mercado de trabalho brasileiro: o desemprego e o trabalho precário.

Os dados revelam que a proporção de indivíduos, cuja renda domiciliar *per capita* se situava abaixo de 149 reais, caiu de 46,63% para 44,42%, entre 1996 e 1998. Neste mesmo período, a proporção de pessoas com renda inferior a 74 reais por mês passou de 23,91% para 21,69%, perfazendo, no último caso, um total de 34 milhões de indigentes, pessoas muito pobres. É um número considerável, embora diminuindo percentualmente.

Quanto ao emprego, as expectativas pós-crise asiática eram sombrias, pois a taxa de desemprego dessazonalizada subiu cerca de 30%, a partir de janeiro de 1998. Os indicadores relativos à duração do desemprego, e à extensão de sua informalidade, aumentaram, isto é, houve uma tendência a piorar. Entretanto, como vimos, os dados de pobreza aparentemente não refletiram a crise que se anunciou nos indicadores de desempenho do mercado de trabalho. A análise das razões para este descolamento é uma questão importante a ser investigada.

Marcelo Cortes Neri – Instituto Brasileiro de Economia/FGV